

---

**PRÁTICA SOCIAL DA DESINFORMAÇÃO:  
ANÁLISE DISCURSIVA DE NOTÍCIAS VEICULADAS NO PORTAL R7.COM**

*Antonio Edson Alves da Silva\**

**RESUMO**

Este trabalho, que é um recorte da pesquisa desenvolvida no curso de doutorado acadêmico junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (POSLA-UECE), objetiva compreender como os processos de ideologia e hegemonia colaboram para a legitimação discursiva da possível ameaça de golpe anunciada no discurso do Governo Bolsonaro e legitimada pela mídia hegemônica, especificamente, pelo Portal *R7.com*. Para tanto, tomamos como percurso teórico-metodológico a Análise de Discurso Crítica, doravante ADC, em sua vertente dialético-relacional, a partir do modelo tridimensional, proposto pelo britânico Norman Fairclough (2001), em consonância com Resende e Vieira (2016), Silva (2019), e Laclau e Mouff (2004), por meio da análise de três fragmentos de notícias veiculadas pela mídia hegemônica brasileira. Os resultados apresentam como a mídia analisada contribuiu no processo de legitimação discursiva na tentativa de normalização do discurso político oficial vigente entre 2018 e 2021.

**Palavras-chave:** desinformação; discurso; legitimação; mídia.

---

\* Doutor em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE) com pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLIN-UFC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8850-6716>. Correio eletrônico: [edson.crat@gmail.com](mailto:edson.crat@gmail.com).

**SOCIAL PRACTICE OF DISINFORMATION:  
DISCURSIVE ANALYSIS OF NEWS BROADCAST ON THE R7.COM PORTAL**

**ABSTRACT**

*This work, which is an excerpt from the research carried out in the academic doctorate course at the Postgraduate Program in Applied Linguistics at the State University of Ceará (POSLA-UECE), aims to understand how the processes of ideology and hegemony contribute to the discursive legitimization of the possible coup threat announced in the Bolsonaro government's discourse and legitimized by the hegemonic media, specifically by the R7. com portal. In order to do so, we used the theoretical-methodological approach of Critical Discourse Analysis, henceforth CDA, in its dialectical relational aspect, based on the three-dimensional model proposed by the British Norman Fairclough (2001), in line with Resende and Vieira (2016), Silva (2019) and Laclau; Mouff (2004), through the analysis of 03 fragments of news broadcast by the Brazilian hegemonic media. The results show how the analyzed media contributed to the process of discursive legitimization in attempting to normalize the official political discourse between 2018 and 2021.*

**Keywords:** *disinformation; discourse; legitimization; media.*

**PRÁCTICA SOCIAL DE LA DESINFORMACIÓN:  
ANÁLISIS DISCURSIVO DE LAS NOTICIAS DIFUNDIDAS EN EL PORTAL R7.COM**

**RESUMEN**

*Este trabajo, que es un extracto de la investigación realizada en el curso de doctorado académico del Programa de Posgrado en Lingüística Aplicada de la Universidad Estatal de Ceará (POSLA-UECE), tiene como objetivo comprender cómo los procesos de ideología y hegemonía contribuyen a la legitimación discursiva de la posible amenaza golpista anunciada en el discurso del gobierno Bolsonaro y legitimada por los medios de comunicación hegemónicos, específicamente el portal R7. com. Para ello, utilizamos el enfoque teórico-metodológico del Análisis Crítico del Discurso, en adelante ACD, en su vertiente relacional dialéctica, basado en el modelo tridimensional propuesto por el británico*

Norman Fairclough (2001), em consonância com Resende y Vieira (2016), Silva (2019) y Laclau; Mouff (2004), mediante el análisis de 03 fragmentos de noticias emitidas por los medios hegemónicos brasileños. Los resultados muestran cómo los medios analizados contribuyeron al proceso de legitimación discursiva en el intento de normalizar el discurso político oficial vigente entre 2018 y 2021.

**Palabras clave:** desinformación; discurso; legitimación; medios de comunicación.

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil tem vivenciado, nos últimos tempos, a ascensão de um projeto político envolvido com a extrema-direita e o ultraconservadorismo, pautado por questões que privilegiam as classes dominantes e as grandes corporações que sempre, no decorrer da constituição da nacionalidade brasileira, estiveram à frente, ditando regras de organização da sociedade em defesa de seus ideais liberais. Isso nos permite afirmar que tal defesa tem sido “[...] central para a legitimação do liberalismo conservador brasileiro e se tornou, como consequência da própria defesa dos interesses econômicos e políticos conservadores” (Souza, 2017, p. 23).

Em meio ao cenário controverso, Jair Messias Bolsonaro tornou-se Presidente da República Federativa do Brasil, tendo um histórico político ligado à sua atuação contra os projetos relacionados aos direitos humanos e ao que é proposto pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Bolsonaro, ex-capitão do Exército Brasileiro, entrou para a reserva em 1989 com o intuito de assumir carreira política, passando por inúmeros partidos, como PDC, PPR, PPB, PTB, PFL, PSC, PP, PSL e, por último, PL, sempre defendendo ideologias de intolerância às comunidades minorizadas.

Em 1986, sua notoriedade começou a ser difundida quando serviu à Artilharia de Campanha Paraquedista e escreveu um artigo para a revista *Veja* questionando os baixos salários pagos pelo Exército, tendo tido apoio da grande maioria dos militares e irritado o alto escalão da corporação, o que lhe rendeu 15 dias de prisão por insubordinação. Segundo o portal de notícias *O antagonista*, em 1987, Bolsonaro havia articulado um atentado com bombas caseiras em banheiros da Vila Militar, ainda reivindicando melhorias salariais.

O então capitão ingressou na vida política em 1988, tornando-se vereador por dois anos e, posteriormente, assumindo o cargo de deputado federal por 27 anos. Durante o

período em que esteve no Congresso Nacional, o então deputado participou da aprovação de dois projetos – estendia o benefício de isenção do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) para bens de informática e outro que autorizava o uso da chamada "pílula do câncer", a fosfoetanolamina sintética.

Destarte, apresentou outros para serem votados, dentre eles o PL n.º 6.055, de 2013, que não chegou a tramitar no Congresso e que versava sobre a tentativa de revogação da Lei n.º 12.845/2013, que obriga os hospitais e demais serviços públicos de saúde, mantidos pelo SUS, a oferecer atendimento emergencial, multidisciplinar e integral às vítimas de violência sexual, bem como profilaxia da gravidez. A justificativa do então deputado estava relacionada à sua mobilização contra a possível legalização do aborto.

Bolsonaro, então deputado, foi um dos poucos que votou contra a Emenda Constitucional n.º 72/2013, que buscava legalizar o trabalho doméstico, o que propiciaria a retirada de inúmeros trabalhadores e trabalhadoras da informalidade e garantiria direitos igualitários, no âmbito do trabalho, a essa população que, durante os 500 anos da história brasileira, esteve invisível e, em muitos casos, em situações análogas à escravidão (Tommaselli, 2020).

A esse respeito, pretendemos, com este estudo, que é um recorte das pesquisas desenvolvidas no curso de doutorado acadêmico junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (POSLA-UECE), compreender como os processos de ideologia e hegemonia colaboram para a legitimação discursiva da possível ameaça de golpe anunciada no discurso do Governo Bolsonaro e legitimada pela mídia hegemônica, especificamente, pelo Portal *R7.com*.

Para tanto, tomamos como percurso teórico-metodológico a Análise de Discurso Crítica (ADC) em sua vertente dialético-relacional, a partir do modelo tridimensional proposto pelo britânico Norman Fairclough, com recortes de fragmentos de três notícias veiculadas no portal *R7.com*, intituladas: notícia (a) “Augusto Nunes: atos de 7 de setembro atestam que Bolsonaro é forte candidato à reeleição”, publicada em 07/09/2021; notícia (b) “Aprovação de Bolsonaro supera reprovação pela 1ª vez desde 2019”, publicada em 14/09/2020; e, por último, notícia (c) “Quer eleger um cara? Veja o que ele fez na pandemia”, diz Bolsonaro”, publicada em 22/10/2020.

Quanto à escolha do portal *R7.com*, destacamos que procuramos notícias no repositório midiático que estivessem totalmente relacionadas ao léxico pesquisado, utilizando palavras-chave como bolsonarismo, Bolsonaro e golpe bolsonarista. Encontramos diversos

resultados, majoritariamente no gênero notícia. Selecionamos aquelas que, de alguma forma, evidenciam como a mídia hegemônica, por meio do *R7.com*, modaliza o discurso do ex-presidente Bolsonaro, ocultando o caráter golpista presente nele. Escolhemos o portal *R7.com* por ser o segundo maior *site* de informações no ambiente virtual, conforme pesquisa realizada pela *Comscore*<sup>1</sup> em 2021.

Em termos estruturais, organizamos este artigo da seguinte maneira: esta seção introdutória apresenta o objeto de estudo; a seção teórica discute a prática social, abordando ideologia e hegemonia no campo da Análise de Discurso Crítica; a seção 3, intitulada “Análise da Prática Social: Aspectos Ideológicos e Hegemônicos”, oferece a análise detalhada; e, por último, a seção 4 apresenta nossas conclusões sobre o trabalho.

## **2 PRÁTICA SOCIAL: IDEOLOGIA E HEGEMONIA NO CAMPO DA ADC**

A ADC, surgiu no cenário de investigação das ciências da linguagem como uma proposta transdisciplinar, com inúmeras vertentes, na década de 1970, na Universidade de East Anglia, baseada nos pressupostos teóricos de pesquisadores como Fowler, Kress, Hodg e Fairclough. Este último propôs um modelo de análise de discurso sob a ótica da perspectiva dialético-relacional, intrinsecamente relacionado ao presente artigo por seu caráter abrangente e metodologia detalhada, recorrente nos trabalhos dentro dos estudos críticos da linguagem, na Linguística Aplicada.

A ADC, desde o seu nascedouro, apresentou propostas de engajamento social diante das relações desiguais que permeiam a sociedade, entendendo que o papel do pesquisador é também refletir e se posicionar diante da realidade que o permeia e tem como característica o fato de agregar várias abordagens. (Nascimento, 2020, p. 37).

Sob a ótica transdisciplinar, a ADC vem se solidificando com base em epistemologias que, ao longo de sua história, contribuem para torná-la cada vez mais expansiva e aplicável em todas as áreas do conhecimento. Nesse sentido, sua estruturação, conforme Ramalho e Resende (2017), baseia-se no materialismo histórico-dialético, proposto por Marx e Engels, e na concepção de sujeito advinda da Psicanálise Freudiana nos estudos estruturalistas da linguagem.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/imprensa/metropoles-entra-para-o-top-3-dos-sites-de-noticias-mais-lidos-do-pais> Acesso em: 22 fev. 2022.

Por sua constituição histórica oriunda de diversas ciências, a transdisciplinaridade da ADC insiste não apenas em utilizar-se das outras ciências para contribuição de suas análises, mas também em colaborar efetivamente com as demais ciências, em especial as sociais. Além de se utilizar de contextos relacionados à materialização discursiva, ou seja, a linguagem, a ADC oferece resultados que interferem e orientam o olhar dos pesquisadores sociais sobre os fenômenos abordados na ótica discursiva, como afirmam Resende e Ramalho (2017, p. 14):

a ADC é, por princípio, uma abordagem transdisciplinar. Isso significa que não somente aplica outras teorias como também, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas, operacionaliza e transforma tais teorias em favor da abordagem sociodiscursiva.

A ADC estuda as relações entre a linguagem e a sociedade no interior das diversas práticas sociais. Em outras palavras, investiga as transformações pelas quais a sociedade tem passado, considerando seu olhar peculiar para o texto e para a realidade social. Contudo, é importante destacar que a ADC não se limita a uma articulação de palavras ou escolhas lexicais, mas observa que a pesquisa crítica em discurso vai além de compreensões meramente linguísticas, extrapolando os fenômenos sociais, tendo em vista sua análise de ideologia e hegemonia.

A partir de uma problemática social, a ADC desvela como o discurso, enquanto linguagem, é usado e como participa da construção social, propondo estabilizações de distrações sociais. Outrossim, é a prática discursiva que faz com que a sociedade se envolva no processo de produção, distribuição e consumo dos textos. Esses discursos estão organizados e se materializam através dos gêneros discursivos, que são estáveis e importantes para disciplinar ações da vida social por meio da linguagem (Bakhtin, 2006).

Nesse sentido, a ADC propõe um aporte teórico-metodológico diversificado e transdisciplinar, inovando ao romper com as barreiras tradicionalistas que impõem limites epistemológicos nas mais variadas ciências, tornando-se uma abordagem urgente e necessária para a compreensão de fenômenos sociais que ocorrem por meio da e na linguagem. A ADC ocupa-se da investigação linguística na materialidade discursiva do texto, daí suas raízes estruturalistas, como salientam Magalhães, Martins e Resende (2017), entendendo o texto como um evento situado em contextos históricos, sociais e políticos. Todos esses contextos são responsáveis por produzir sentido e, portanto, devem ser levados em consideração no processo investigativo.

[...] há uma gama variada de abordagens que se identificam com o rótulo de ‘ADC’, assim, não apenas os avanços trazidos por Norman Fairclough são identificados como ADC, mas também as perspectivas de autores como Teun Van Dijk (1989), Ruth Wodak (1996), Blommaert (2005), Theovan Leeuwen (2008), entre outros/as. Todas essas abordagens são legitimamente associadas à Análise de Discurso Crítica. (Resende, Vieira, 2016, p. 20).

Segundo Magalhães, Martins e Resende (2017), seguindo a linha de pensamento de Wodak e Meyer (2009), a ADC possui inúmeras vertentes que contribuem nos mais variados processos de investigação discursiva, conforme apresentamos no quadro abaixo:

Quadro1– Vertentes da Análise de Discurso

VERTEENTE	OBJETIVOS	CONCEITOS-CHAVE	PRECURSORES
Histórico-Discursiva	Fatos discursivos, mediados pela noção de poder, historicamente projetados em diacronia	Discurso, diacronia, contexto, contexto, fatos históricos, sistematologia, intertextualidade, interdiscursividade	Reisigl e Wodak
Linguística de <i>Corpus</i>	Elementos quantitativos de fatos discursivos mediados pela noção de poder	<i>Corpus</i> , corpora, análise quantitativa, <i>softwares</i> , saturação de dados	Mautner
Atores Sociais	O modo como atores sociais são representados em textos, através de duas macro-operações (inclusão e exclusão) e sua mediação com a noção de poder	Representação, atores, inclusão, exclusão, agentividade, passividade	Van Leeuwen
Análise de Dispositivo	Relação entre práticas discursivas e não discursivas mediadas pela noção de poder	Dispositivo, prática discursiva, prática não discursiva, saber, conhecimento	Jäger e Maier
Sociocognitiva	Relação constitutiva entre discurso, sociedade e cognição mediada pela noção de poder	Discurso, sociedade, cognição, modelos mentais, discriminação, elites	Van Dijk
Dialético-Relacional	Relação constitutiva entre discurso e sociedade, mediada pela noção de poder, com foco na observação do processo de mudança discursiva e social	Discurso, poder, mudança	Fairclough

Fonte: elaborado pelo autor com base em Irineu (2022), e Magalhães, Martins e Resende (2017).

Diante dessa pluralidade de teorias e métodos, elegemos o modelo dialético-relacional como fundamento teórico norteador das categorias propostas para investigar a prática social da desinformação tratada neste artigo. Fairclough é o autor, na perspectiva da ADC, mais utilizado nas pesquisas jornalísticas, principalmente no que tange à compreensão de ideologia e hegemonia em sua proposta teórico-metodológica com o modelo tridimensional.

No que se refere à terceira etapa da tríade apresentada por Fairclough (2001), a concepção de prática social se apresenta de forma mais abrangente, compreendendo que as

outras duas compõem expressões situadas dentro das práticas sociais. Portanto, esta é maior e repleta de outras conexões, que vão desde as relações sociais de interação através da linguagem, das atividades materiais, dos sistemas de crenças e do contexto social, marcando-se intersubjetivamente uma relação dialética na construção do mundo social.

A esse respeito, Fairclough (2001, p. 22) afirma que

[q]ualquer “evento” discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. A dimensão do “texto” cuida da análise linguística de textos. A dimensão da “prática discursiva”, como “interação”, na concepção “texto e interação” de discurso, especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual – por exemplo, que tipos de discurso (incluindo “discursos” no sentido mais socioteórico) são derivados e como se combinam. A dimensão de “prática social” cuida de questões de interesse na análise social, como as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivos/construtivos referidos anteriormente.

O autor entende a indissolúvel e intrínseca relação entre os três elementos do modelo tridimensional ao afirmar que estes ocorrem simultaneamente. O texto é um exemplo concreto de prática discursiva e, por sua vez, de prática social. Assim, o texto é inerente às relações linguísticas estabelecidas entre os sujeitos durante a interação social; a prática discursiva é a própria interação, e ambos ocorrem por meio da organização dentro de um contexto social, em circunstâncias que moldam tais práticas através das ideologias dos atores sociais e do poder oriundo da hegemonia.

Outrossim, Silva *et al.* (2020, p. 144) compreendem que

a ADC utiliza a noção de prática social para construir sua definição de discurso como um momento das práticas, as quais são compostas por outros elementos: relações sociais, atividades materiais e sistemas de conhecimento e crença (Chouliaraki; Fairclough, 1999) que se articulam dialeticamente para construir o mundo social.

Os autores destacam a necessidade da ADC em investigar como os elementos da tríade – texto, prática discursiva e prática social – estão interligados nos processos de análise discursiva, como uma tarefa urgente e necessária aos estudos críticos da linguagem. Nesse sentido, “analistas de discurso têm investigado tais aspectos em profundidade e identificado inúmeras particularidades no que tange à construção de relações sociais textualmente mediadas” (Silva *et al.*, 2020, p. 144). Entretanto, compreendemos que a linguagem, em constante interação na vida social, está intrinsecamente relacionada aos modos de

representação, ação e identificação dos atores sociais em suas práticas determinadas e distintas.

### **3 ANÁLISE DA PRÁTICA SOCIAL: ASPECTOS IDEOLÓGICOS E HEGEMÔNICOS**

Conforme mencionado anteriormente, a prática social se torna mais ampla através do seu diálogo multidisciplinar ao enfatizar as relações entre ideologia e hegemonia. A ideologia é abordada em sua "existência material nas práticas das instituições [...], interpela os sujeitos [...] e são locais e marcos delimitadores na luta de classes" (Fairclough, 2001). A hegemonia está ligada ao poder de quem conduz o discurso, considerando as lutas de classe em termos de articulação, desarticulação e rearticulação de elementos alinhados ao poder. Dessa forma, a análise do discurso, conforme o modelo tridimensional, mostrou-se bastante abrangente, englobando todas as categorias descritas na seção anterior.

Corroborando esse pensamento, Habermas (1987) compreende a existência de outros conceitos atrelados ao significado ideológico, como o relacionado ao espaço público, que se configura como significado ideológico. No entanto, não se limita à ocultação das dominações de classes sociais, pois possui, dialeticamente, a necessidade de solidificar um caminho que visa à transformação da realidade social, de forma mais inclusiva e menos classicista.

A esse respeito, através de Thompson (1995), compreendemos que as fórmulas simbólicas de relacionamento com os processos de dominação social são inerentes não apenas ao conteúdo explícito no jogo discursivo, mas também pelo uso efetivo e implícito dessa simbologia. Nessa linha de pensamento, Correia (2004, p. 8) entende que

o uso e manutenção de um mesmo sistema de crenças pode tanto negar a participação dinâmica dos agentes sociais favorecendo contextos de dominação, como pode contribuir para uma transformação democrática das sociedades. Nada impede que conceitos idênticos (os direitos humanos, por exemplo) não possam servir propósitos díspares: uma utilização que visa distorcer a visão da realidade – quando são invocados para ocultar relações de dominação que prosseguem sobre a sua vigência – ou, ao contrário, uma utilização que visa transformar de modo positivo a realidade – quando, por exemplo, visa reforçar aspirações democratizantes em nome do seu alargamento a grupos excluídos.

Em sintonia com esses pressupostos, Ricoeur (1991) afirma que o processo de significação da palavra "ideologia" implica um profícuo diálogo com as contribuições de Marx. Os múltiplos significados surgem como um dos aspectos possíveis do uso da ideologia.

Através do estudo do conceito em níveis progressivamente mais profundos, é possível encontrar outras funções, tais como: “[...] a) a função de legitimação para compensar o hiato entre a pretensão de legitimidade apresentada pela autoridade governante e a crença na legitimidade da ordem por parte dos súditos; b) a função de integração e de preservação da identidade social”.

Nesse sentido, o problema do uso das formas simbólicas assemelha-se significativamente à reflexão de Thompson (1995) e, de certo modo, à de Habermas (1987), como se vê no exemplo que Ricoeur (1991) apresenta em relação a uma fórmula simbólica específica: “a religião funciona como uma ideologia quando justifica o sistema de poder existente, mas também funciona como uma utopia na medida em que é uma motivação que alimenta a crítica” (Ricoeur, 1991, p. 392).

No caso desses autores, a definição dos conceitos de hegemonia e ideologia implica significações diversas, mas tem em comum o fato de não se referirem apenas à sua dimensão dominante e manipuladora. Contudo, torna-se imperativo compreendê-los efetivamente no âmbito dos estudos discursivos, pois seus significados vão além dessas concepções.

Sobre a hegemonia, compreendemos seu surgimento também atrelado à tradição marxista, considerando a necessidade de perceber como se configuram as sociedades em suas hierarquias distintas situadas no tempo e no espaço. Nesse sentido, oriunda da tradição russa, é Gramsci quem apresenta uma proposta de hegemonia mais elaborada e adequada para abordar as relações sociais. A esse respeito, Alves (2010, p. 71) entende que

a noção de hegemonia propõe uma nova relação entre estrutura e superestrutura e tenta se distanciar da determinação da primeira sobre a segunda, mostrando a centralidade das superestruturas na análise das sociedades avançadas. Nesse contexto, a sociedade civil adquire um papel central, bem como a ideologia, que aparece como constitutiva das relações sociais. Deste modo, uma possível tomada do poder e construção de um novo bloco histórico passa pela consideração da centralidade dessas categorias que, até então, eram ignoradas.

Nessa linha de raciocínio, percebemos que, nos últimos tempos, têm surgido novas e distintas abordagens sobre a concepção de hegemonia, na tentativa de expandir o pensamento gramsciano acerca das configurações e influências do capitalismo em meio ao que denominamos modernidade tardia. Laclau e Mouffe (2004) ratificam o pensamento de Gramsci e apresentam as ambiguidades de seus postulados na tentativa de compreender efetivamente a concepção de hegemonia, formulando um novo conceito a partir de Gramsci e das categorias propostas pelo pós-estruturalismo. Podemos compreender que a concepção de

hegemonia na perspectiva gramsciana está relacionada à sua inserção no campo de transição marxista, uma vez que ele se encontra na tênue transição entre o marxismo tradicional e o ocidental.

Laclau e Mouffe (2004) compreendem que a concepção de hegemonia de Gramsci representou um verdadeiro divisor de águas no pensamento marxista, ao ampliar o terreno atribuído à recomposição política e à hegemonia para além da aliança de classes. Essa concepção afirma a necessidade de uma liderança intelectual e moral que permita aos grupos sociais se distanciar de uma postura corporativista e unir-se aos interesses de outros grupos.

Em meio a essa discussão, Gramsci (1978) aponta que a hegemonia está relacionada à posição social que determinados grupos, principalmente os mais abastados, exercem sobre as minorias, ditando o jeito de ser e agir, com base em seus ideais e nos interesses que os movem. Portanto, o autor entende que a hegemonia não deve ser uma questão apenas de subordinação ao grupo hegemônico, mas devem ser considerados os interesses que estão por trás dos grupos que perpetuam tal situação de hegemonia.

O recurso às armas e à coerção é pura hipótese de método e a única possibilidade concreta é o compromisso já que a força pode ser empregada contra os inimigos, não contra uma parte de si mesmo que se quer assimilar rapidamente e do qual se requer o entusiasmo e a boa vontade. (Gramsci, 1978, p. 33).

11

A hegemonia, para o autor, é classificada como uma força que, ao contrário do que se pensa, não é exercida sobre toda a sociedade, mas apenas sobre as classes aliadas daqueles que dominam e que detêm o poder simbólico, gerenciando todas as esferas que possam colaborar para seu processo de dominação social. A hegemonia ora apresentada foi compreendida a partir do pressuposto da construção ideológica, ou seja, não há possibilidade de analisá-las de forma separada, uma vez que são processos intrínsecos. A ideologia é modalizada por meio de subcategorias como modos gerais de operacionalização que vão desde a legitimação, a dissimulação, a unificação, a fragmentação e a retificação (Thompson, 2011).

Retomando as ideias de Gramsci (1978) acerca do que se entende por hegemonia, percebemos como este conceito está relacionado ao exercício do poder de um grupo pequeno e privilegiado que está no topo da pirâmide social sobre um grupo maior que obedece aos desígnios desse grupo menor e a ele se submete tanto inconsciente quanto conscientemente. A esse respeito, o fragmento da notícia no excerto (1) que apresentamos a seguir nos introduz no

âmbito desse discurso hegemônico, carregado das ideologias dominantes, no que tange à tentativa de legitimação discursivo-midiática do bolsonarismo.

O excerto da notícia (1) traz o primeiro texto analisado, cujo título afirma “Atos de 7 de setembro atestam que Bolsonaro é forte candidato à reeleição”, publicado em 07 de setembro de 2021 e assinado pelo jornalista Augusto Nunes, que sempre demonstrou em suas notícias e reportagens ser favorável ao bolsonarismo e à continuidade de sua proposta política.

(1) Augusto Nunes avalia as manifestações de rua deste 7 de setembro, contrárias e favoráveis ao governo federal, e diz que elas **atestam** que o presidente Jair Bolsonaro é, sim, **forte candidato** à reeleição em 2022.

Ao dizer que as manifestações das ruas, no 7 de setembro, atestam que Bolsonaro é forte candidato à presidência, mostra o teor hegemônico do discurso jornalístico quando um pequeno grupo de apoiadores bolsonaristas faz manifestação em defesa de seus ideais, sendo colocado acima dos que pensam diferente como forma de legitimar as ideias dominantes do bolsonarismo.

Avaliar que ele é forte candidato compreende-se como uma proposta bastante ideológica, uma vez que as avaliações estão marcadas pela ideologia do portal, que condiz com o pensamento em defesa das ideias do então presidente Bolsonaro. É nessa perspectiva que a hegemonia é um fenômeno instável, “[...] uma vez que é constituída nas relações de luta pelo poder, possuindo, pois, uma estabilidade relativa nas articulações dos momentos sociais” (Dias, 2011, p. 230).

A Análise de Discurso Crítica ADC, na perspectiva dialético-relacional de Fairclough (2001), define duas concepções imprescindíveis para a compreensão efetiva acerca da hegemonia manifestada através do discurso. Em primeiro lugar, compreendemos que “hegemonia e luta hegemônica assumem forma de prática discursiva, podendo ser produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no e pelo discurso, em uma relação dialética entre discurso e sociedade” (Pereira; Carvalho; Barbosa, 2018, p. 35). Em segundo lugar, “o próprio discurso se apresenta como uma esfera da hegemonia, em que a dominação de um grupo vai depender, em parte, de sua capacidade de criar e de manter práticas discursivas que a sustentem” (Pereira; Carvalho; Barbosa, 2018, p. 35).

Nesse sentido, compreendemos, em consonância com os autores e o pensamento da ADC dialético-relacional, que a hegemonia alude ao incremento de práticas discursivas nos

mais diversos aspectos do dia a dia nas relações sociais, tendo em vista a propagação e naturalização das relações ideológicas no âmbito discursivo

Na sequência, o excerto (2) traz o título da matéria que lança a máxima acerca da aprovação do presidente Bolsonaro, divulgada no dia 14 de setembro de 2020, às 15h40min, pela Agência Estado, junto ao portal de notícias *R7.com*.

(2) É o **quinto levantamento** consecutivo no qual a aprovação do governo Bolsonaro aparece em **alta** e a reprovação, em **queda**.

A escolha da expressão “quinto levantamento” não ocorre de forma despretensiosa, mas ajuda na sequência textual a formar um discurso legítimo sobre pesquisas de instituições duvidosas acerca do crescimento do bolsonarismo, em detrimento do que outros portais – hegemônicos e alternativos – estão ratificando.

Os autores, apoiados em Fairclough, compreendem o poder que os discursos contra-hegemônicos podem produzir no sentido de desconstruir tais hegemonias, conforme salientam as vertentes da Análise de Discurso Crítica, mostrando que ao fazer ADC estamos imbuídos da militância contra toda e qualquer relação assimétrica de poder, inerente à hegemonia, principalmente aquelas que perpetuam as ideologias dominantes como forma de dominação e coerção social.

Com a matéria divulgada no dia 22 de outubro de 2020, com o título “Quer eleger um cara? Veja o que ele fez na pandemia”, o excerto (3) apresenta mais um fragmento em que o portal *R7.com* tenta legitimar a tentativa de golpe do ex-presidente Jair Bolsonaro.

(3) **Para Bolsonaro**, a população deve analisar, além do partido se o candidato adotou medidas de **restrição** no combate ao novo coronavírus ou até se apoia o **MST** (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra).

Na tentativa de legitimar discursivamente um golpe iminente, o portal modaliza o discurso bolsonarista e o coloca na centralidade como uma opinião hegemônica, sendo, em seguida, sustentada pela relação ideológica que o então presidente defende como necessária em relação às restrições do período pandêmico, que levou o Brasil a ser um dos países com o maior número de óbitos por habitantes, conforme destacou o portal de notícia G1<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/05/06/brasil-tem-o-maior-numero-de-mortes-de-covid-19-por-milhao-de-habitantes-entre-os-paises-mais-populosos.ghtml> Acesso em: 3 ago. 2024.

Destacamos também as relações ideológicas no discurso bolsonarista, legitimado pelo portal analisado, quando se coloca em oposição a todos os movimentos ditos de esquerda, que buscam sustentar uma postura contra-hegemônica no sentido da defesa dos direitos fundamentais constitucionais, como moradia digna para todos.

(4) "Quer eleger um cara? Veja o que ele fez **durante a pandemia**, o prefeito, vê se você concorda com as medidas que ele tomou, obrigando **fechar tudo**, falando grosso, prendendo mulher em praça pública, fechando praias", disse na saída do **Palácio da Alvorada**. "Candidatos agora têm que ser questionados sobre isso porque esse vírus vai durar por muito tempo. O cara assume em janeiro você tem saber agora a **posição dele**."

Mostrar *ipsis litteris* a fala do então presidente Bolsonaro no portal indica o desejo velado de legitimar sua prática social da desinformação, ao afirmar categoricamente a necessidade de o eleitor observar o que o candidato fez durante a pandemia da covid-19. A postura do então presidente foi reprovada pela Organização Mundial da Saúde, que criticou a dúvida quanto à vacina, o atraso na compra da matéria-prima para a produção de vacinas e o riso público diante das pessoas morrendo com falta de ar, em decorrência dos desdobramentos da doença.

O portal continua legitimando o bolsonarismo ao apresentar tal notícia sem a preocupação de mostrar o que se viu, a nível nacional e internacional, da postura do Chefe do Estado Brasileiro. Ideologicamente, o “fechar tudo” e a posição dele – expressões destacadas – nos mostram como o então presidente estava consciente de que o descaso com a pandemia, que gerou mais de 600 mil mortes, foi o correto a ser feito e deve ser levado em conta na hora da escolha do eleitor.

#### 4 CONCLUSÃO

Neste sentido, nosso objetivo foi compreender como os processos de ideologia e hegemonia colaboram para a legitimação discursiva da possível ameaça de golpe anunciada no discurso do Governo Bolsonaro e legitimada pela mídia hegemônica, especificamente pelo Portal R7.com. A análise revelou que a construção e a disseminação de narrativas favoráveis ao governo, respaldadas por instituições de mídia hegemônicas, têm um papel crucial na construção de um discurso hegemônico. Essa legitimação discursiva não apenas reforça a imagem do governo, mas também minimiza ou oculta as críticas e o impacto negativo das ações governamentais, influenciando a percepção pública e moldando o debate político.

Portanto, entender essas dinâmicas é essencial para reconhecer o papel da mídia na configuração e manutenção de hegemonias políticas e ideológicas, bem como para promover uma análise crítica dos discursos que moldam a opinião pública.

Na fundamentação teórica, explicamos o estudo da legitimação discursivo-midiática, focalizando a ideologia e a hegemonia. Ademais, apresentando o modelo tridimensional adaptado. Iniciamos com a caracterização da pesquisa qualitativa e interpretativista, seguido pela descrição do *corpus*, que incluiu três notícias do portal *R7.com*. Detalhamos também as categorias adaptadas do modelo tridimensional em interface com a Linguística Aplicada.

Ademais, na análise, examinamos a conjuntura que serviu de pano de fundo para a ascensão do bolsonarismo, desde sua entrada na Reserva do Exército em 1989, passando pelas jornadas de junho de 2013, quando a mídia utilizou estrategicamente as manifestações contra o aumento das tarifas de transporte coletivo em São Paulo. Esses eventos desencadearam uma série de acontecimentos sociais que contribuíram para o Golpe de 2016, deixando a democracia fragilizada e suscetível a um novo golpe, anunciado pelo então presidente Bolsonaro (2019-2022).

No que diz respeito ao vocabulário, observamos como o *corpus* permitiu mapear as expressões lexicais carregadas de ideologias e modalizações que contribuíram para a legitimação do discurso bolsonarista. Da mesma forma, a avaliação revelou inúmeros recortes de expressões valorativas e juízos de valor expressos pelos jornalistas em nome da mídia hegemônica no processo de legitimação da desinformação sobre o possível golpe bolsonarista.

Para tanto, selecionamos o segundo maior veículo de comunicação brasileiro, considerando-o parte do que denominamos mídia hegemônica. O portal *R7.com* frequentemente assumiu um posicionamento em defesa do discurso bolsonarista, ligado ao neopentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus, através de seu bispo e proprietário da rede midiática analisada, Edir Macedo Bezerra.

Desde o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, instaurou-se no Brasil uma onda conservadora que remete a períodos históricos autoritários. Atualmente, observam-se discursos cada vez mais explícitos de autoritarismo, hegemonias e antagonismos, antes velados e na época (2018-2021) incentivados pelo discurso oficial do ex-presidente.

O bolsonarismo, modalizado e legitimado pela grande mídia hegemônica, representada neste artigo pelo portal *R7.com*, começou a se formar nas manifestações de 2013 contra o Governo Dilma. Naquele contexto, grupos diversos se uniram para criar uma nova direita ultraconservadora, com Bolsonaro apresentado como o “Messias” enviado por Deus

para salvar a população brasileira do suposto “Comunismo”. As palavras de ordem “Deus, Pátria e Família” ecoam um discurso que também foi legitimado durante o período que culminou no Golpe Militar de 1964.

O cenário brasileiro tem enfrentado numerosos embates ao longo de sua história, desde o início da República, passando pelo regime totalitário, até a democracia arduamente conquistada no período pós-golpe de 1964. Os estudos da linguagem, como uma grande área de conhecimento, têm contribuído para a compreensão efetiva de tais fatos sociais, uma vez que a sociedade se constrói e se desenvolve por meio das relações sociais mediadas pela linguagem.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa: Presença, 1980.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **Lua Nova**, São Paulo, n. 80, p. 71-96, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CORREIA, João Carlos Ferreira. Ideologia e hegemonia. In: RUBIM, Albino (org.). **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. São Paulo: UNESP, 2004.
- COSTA, Nelson Barros da (org.). **Práticas discursivas: exercícios analíticos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília, DF: UnB, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HABERMAS, Jürgen. **A mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.
- IRINEU, Lucineudo Machado *et al.* (org.). **Análise de discurso crítica: conceitos-chave**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2004.

LEEUWEN, Teun Van. Legitimation in discourse and communication. **Discourse & Communication**, v. 1, n.1, p. 91-112, 2008.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa.** Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos.** Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

NASCIMENTO, Iara de Sousa. **Identidade feminina: uma análise crítica do discurso da ministra Damara Alves.** 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

RESENDE, Viviane; VIEIRA, Viviane. **Análise de discurso crítica.** São Paulo: Contexto, 2017.

RESENDE, Viviane.; VIEIRA, Viviane. **Análise do discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa.** 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

RICOEUR, Paul. **Ideologia e utopia.** Lisboa: Edições 70, 1991.

TOMASELLI, Guilherme Costa Garcia. Necropolítica, racismo e governo Bolsonaro. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 42, n. 4, p. 179-199, dez. 2020.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 1995.

Recebido em: 9 maio 2024.

Aceito em: 16 ago. 2024.